



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

RERILENE FERREIRA DE LIMA

**RECURSOS EDUCACIONAIS PARA ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA MODALIDADE ESCRITA PARA SURDOS NO EIXO LEITURA**

JOÃO PESSOA

2020

RERILENE FERREIRA DE LIMA

**RECURSOS EDUCACIONAIS PARA ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA MODALIDADE ESCRITA PARA SURDOS NO EIXO LEITURA**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo João Pessoa, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do(a) Prof.(a). Dr./Me. Nídia Nunes Máximo.

JOÃO PESSOA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

L732r

Lima, Rerilene Ferreira de.

Recursos educacionais para ensino de língua portuguesa na modalidade escrita para surdos no eixo leitura / Rerilene Ferreira de Lima. – 2020.

19 f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientadora: Profª. M^a. Nídia Nunes Múvimo

1. Língua portuguesa. 2. Recursos educacionais. 3. Material didático – Surdos. 4. Educação de Surdos. I. Título.

CDU 811.134.3:376

Bibliotecária responsável Ivanise Andrade Melo de Almeida – CRB15/96

RERILENE FERREIRA DE LIMA**RECURSOS EDUCACIONAIS PARA ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA MODALIDADE ESCRITA PARA SURDOS NO EIXO LEITURA**

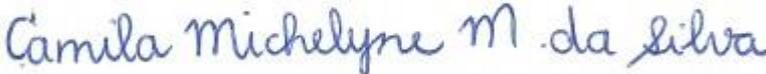
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 14 de dezembro de 2020.

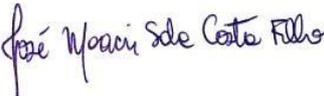
BANCA EXAMINADORA

Nidia Nunes Máximo
Coord. de Letras LIBRAS
Departamento de Letras
SIAPE: 2143407

Profa. Ma. Nidia Nunes Máximo
Orientadora – UFPE



Profa. Ma. Camila Michelyne Muniz da
Silva Avaliadora – UFPE



Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho
Avaliador – IFPB

Recursos Educacionais para Ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdos no eixo leitura

Rerilene Ferreira de Lima –e-mail: rerilene@hotmial.com¹
Nídia Nunes Máximo – e-mail: nidia.maximus@hotmial.com²

Resumo: O presente trabalho busca apresentar uma proposta de material, com foco nos recursos educacionais do material “Ideias para ensinar português para surdos” de Quadros e Schmiedt (2006), especificamente no eixo leitura, tendo como base uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória. Percebe-se que os materiais didáticos dirigidos à comunidade surda, quando existentes, não atendem ao desenvolvimento das interfaces de leitura e escrita da língua portuguesa, visto que eles pressupõem categorias e aspectos distintos daqueles endereçados aos alunos ouvintes. Assim, pretende-se refletir quanto à produção de material e ações educativas para alunos surdos, nomeados recursos didático-pedagógicos, tendo como base teórica Salles, Faustich e Carvalho (2004), Quadros e Karnopp (2004), Torres, Mazzoni e Mello(2007), Brasil (2005), Vygotsky (1997) e Alves (2003), Ferreira. Para refletir sobre as especificidades desse alunado, faz-se necessário o contato com pesquisas sobre educação bilíngue para surdos e o desenvolvimento de metodologias visuais, a fim de aplicá-las no cotidiano escolar bem como a utilização de recursos educacionais que estimulem a aquisição da língua portuguesa como segunda língua. Pretende-se que este artigo suscite a discussão e a construção de conhecimento sobre novas metodologias e estratégias didáticas.

Palavras-chaves: Recursos educacionais, língua portuguesa escrita, educação de surdos.

Abstract: The present work seeks to approach teaching strategies and methodologies that meet the specificities of the deaf student, in order to include him in the classroom, having as his main teaching instrument the Brazilian Sign Language (LIBRAS), as the first language of deaf students and Portuguese as their second language. The objective of the research is the development of teaching materials that meet the linguistic needs of the deaf. The methodology used was bibliographic research. It is noticed that the offer of such materials directed to the deaf community, when existing, does not meet the development of the reading and writing interfaces of the Portuguese language, since they presuppose categories and aspects different from those addressed to hearing students. In order to reflect on the specificities of this student, it is necessary to contact research on bilingual education for the deaf and the development of visual methodologies, in order to apply them in the school routine. Thus, the project's proposal is to be an environment for training, exchanging experiences and developing bilingual teaching practices. It is intended that it provokes discussion and the construction of knowledge about new methodologies and didactic strategies. Thus, we intend to reflect on the production of educational material and actions for deaf students, named didactic-pedagogical resources, based on the theoretical basis Salles, Faustich and Carvalho (2004), Quadros and Karnopp (2004), Torres, Mazzoni and Mello (2007), Brazil (2005), Vygotsky (1997) and Alves (2003), Ferreira and Teberosky (1985) and Pereira (2005).

Keywords: Educational resources, written Portuguese language, deaf education.

¹ Graduada em Pedagogia (UNAVIDA) com Especializações em Supervisão Escolar e Psicopedagogia Institucional (IESP), com Licenciatura em Letras Português (UFPB), pós-graduanda em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua Para Surdos e cursando nível 1, LIBRAS - UFPB.

² Prof^a Assistente da UFPE, Doutoranda em Letras/ Linguística (UFPE).

1. Introdução

A presente pesquisa visa apresentar uma proposta de material, com foco nos recursos educacionais do material “Ideias para ensinar português para surdos” de Quadros e Schmiedt (2006), especificamente no eixo leitura.

Definimos como objetivos específicos: identificar recursos educacionais voltados para o ensino de LP para surdos; descrever o modo de funcionamento desses recursos. A problemática que norteia essa pesquisa é: *Quais as contribuições dos recursos educacionais para o ensino de LP escrita para surdos?*

A metodologia aplicada ao trabalho se ateve a um estudo descritivo, do tipo revisão bibliográfica, que se respaldou em literaturas científicas e trabalhos acadêmicos referenciados. Para realizar a análise de recursos educacionais que podem ser utilizados no ensino de LP para surdos, escolhemos o material *Ideias para ensinar português para surdos*, de Quadros e Schmiedt (2006), o qual contém sugestões didáticas e recursos educacionais direcionados para a temática.

Esta pesquisa se faz relevante, pois o paradigma do século XXI é a inclusão de todas as pessoas nos diferentes cenários, e a escola é um dos primeiros lugares em que a eliminação de barreiras torna-se essencial. A elaboração de recursos educacionais contribui e enfatiza as particularidades visuo-gestuais do por meio de vídeos e imagens nos quais facilitam o processo de aprendizagem da modalidade escrita, promovendo a LIBRAS e a cultura surda, trazendo o aluno surdo para o centro do processo de aprendizagem. A justificativa da pesquisa se dá diante da escassez de bases teóricas e metodológicas que direcionam o ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos. Através dessa pesquisa, espera-se contribuir para a elaboração de recursos educacionais que auxiliem o aluno surdo no processo de aquisição da língua portuguesa na modalidade escrita.

2. Recursos educacionais para o ensino de línguas

Os materiais didáticos são ferramentas que apoiam o desenvolvimento de situações de aprendizagem. A relação do aluno com os conteúdos escolares, pode ser motivada através de um bom material didático, criando condições para que ele diversifique e amplie suas fontes de informações. O conjunto de materiais didáticos utilizados pelo professor pode ser muito vasto e deve oferecer a este, inúmeras possibilidades de trabalho com os

alunos. Portanto, o material didático e a maneira como ele enriquece e desenvolve o trabalho diário em sala de aula, haja vista que, ao oferecer apoio ao aluno na sua relação com a aprendizagem, torna-se um importante mecanismo de aprendizagem no nosso dia-a-dia.

O portal do Ministério da educação disponibilizou no ano de 2007 a cartilha “Equipamentos e materiais didáticos” a fim de contribuir para uma formação que esteja relacionada às dimensões técnicas e pedagógicas intrínsecas ao uso dos materiais e equipamentos didáticos. Assim sendo, a cartilha esclarece que materiais didáticos, também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais” são:

Todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo. Nesse contexto, os mapas e os globos são materiais didáticos utilizados para a facilitação da aprendizagem. Da mesma forma, quando a professora usa palitos de picolé e canudinhos de refrigerante para ensinar matemática ou quando projeta um filme sobre a colonização do Brasil ou, ainda, quando planta sementes de girassol e feijão no ambiente escolar para ensinar o processo de germinação (BRASIL, 2007, p. 21-22).

Os materiais didáticos envolvem tudo aquilo que pode servir para enriquecer o trabalho de professores e alunos, tais como: revistas, jornais, panfletos, anúncios. Os conteúdos de sala de aula podem ser abordados de diversas maneiras e o professor deve estar aberto às inovações e disposto a usar sua criatividade.

Há uma infinidade de materiais didáticos a serem utilizados pelo docente sendo que o Ministério da Educação aponta também o espaço da sala de aula como pertencente ao processo de aprendizagem, bem como a linha pedagógica adotada pelo professor, uma vez que ali se encontram muitas informações sobre as atividades que estão sendo desenvolvidas.

De igual forma, a exposição de jornais, fotografias, livros, jogos e experiências e de outros materiais usados no dia-a-dia permite também que os alunos reconheçam aquele local como seu espaço de trabalho, que deve ser prazeroso. Entrar em uma sala de aula repleta de informações e recordações é muito diferente e muito mais interessante do que entrar em uma sala vazia, onde não há nada para ver, lembrar ou fazer. A sala de aula deve ser o lugar com o qual os alunos se identificam, têm afinidade exatamente porque devem circular por ela livremente, ter acesso a materiais e informações, aprender regras de convivência, construir conhecimento. Nessa perspectiva, o espaço, além de limpo, deve ser agradável, iluminado e bonito; características que lhe conferem um caráter essencialmente educativo (BRASIL, 2007, p. 56).

Vale ressaltar que hoje em dia cada vez mais as escolas, os fabricantes de materiais didáticos estão se aparando na ideia dos portais didáticos a fim de tentar superar exatamente a limitação da inovação do livro didático, do conteúdo recente que se tem

com a impressão, haja vista que, ao imprimir o livro e este até chegar às mãos do aluno, ele já não se apresentará tão inovador, o conteúdo que estará lá já não será tão atual. Está havendo uma migração ou um investimento maior em portais na internet, pois existe uma possibilidade de se trabalhar com conteúdo, com formas, apresentações de maneira mais dinâmica, sendo que o livro pode até ficar desatualizado, mas a tendência é de que o conteúdo no portal não, pois teremos a possibilidade de atualizá-lo. E isso vem causando uma diferença na forma como estamos usando o material didático. Temos iniciativas de algumas escolas que já adotam o uso de smartphones para os alunos, ou seja, já estão saindo um pouco do universo do livro e adentrando o universo midiático. Então a ideia é que o material didático também não necessita se limitar àquele conceito de um livro didático ou mesmo de um programa que foi desenvolvido para o ensino. Nós podemos adaptar outros materiais que não foram especificamente desenvolvidos para o ensino, mas que, por um processo de adaptação, são utilizados como materiais didáticos.

3. Recursos educacionais e o ensino de LP para surdos

Apesar dos avanços linguísticos e da própria indústria que produz o material didático, a utilização de materiais didáticos bilíngues ainda é escassa no país. De acordo com Salles, Faustich e Carvalho (2004), a escassez de materiais e recursos destinados ao ensino de LP para a comunidade surda inviabiliza a inclusão do aluno surdo em sala, tornando mais difícil e moroso o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua (LP2). Quadros (2004) apontam para a necessidade da capacitação no professor, o qual precisa estar apto para lidar com a realidade do aluno surdo:

O professor precisa preparar as atividades de leitura visando um e/ou outro nível de acordo com as razões que levaram os alunos a terem interesse a ler um determinado texto. Nesse sentido, a motivação para ler um texto é imprescindível. A criança surda precisa saber por que e para que vai ler. O assunto escolhido como temática na leitura vai variar de acordo com as atividades e interesses dos alunos. Instigar nos alunos, durante a leitura, a curiosidade pelo desenrolar dos fatos no texto é fundamental. No caso de histórias, por exemplo, pode-se parar a leitura em um ponto interessante e continuá-la somente em outro momento, deixando nos alunos a expectativa do que irá acontecer, permitindo que opinem sobre o desfecho da mesma e comparando posteriormente com o final escolhido pelo autor. (QUADROS; SCHMIEDT, 2004, p. 41).

A citação acima corrobora a necessidade de elaboração de estratégias que visem a uma reestruturação curricular, tendo em vista a necessidade de inclusão do surdo em um processo de aprendizagem, que ofereça instrumentos para seu desenvolvimento. Ainda, é necessário atentar para o professor, oferecendo-lhe alternativas para que possa tornar-se capacitado a lidar com um ambiente escolar cujo corpo discente possui línguas com características distintas – LIBRAS como língua de modalidade viso-gestual e LP como língua de modalidade oral-auditiva.

Ao proporcionar ao aluno surdo acessibilidade comunicacional e instrumental, possibilita-se o acesso a uma cultura que, em muitos casos, é estranha a ele, justamente por não poder, devido à deficiência auditiva, compartilhar de uma sociedade baseada na visão e na audição.

Entretanto, é equivocado pensar que os surdos não possam se comunicar ou não possuam uma língua, uma vez que a comunidade surda possui seu modo de se comunicar: a língua de sinais.

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação. As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais, ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema de surdo ou como uma patologia da linguagem (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30).

No entanto, como destacam Torres, Mazzoni e Mello (2007), não são todos os alunos surdos que tiveram acesso a LIBRAS e puderam apreendê-la; muitas vezes, somente quando chegam à escola é que a aprenderão. Logo, a educação do aluno surdo deve ser uma educação bilíngue, ou seja, em LIBRAS, sua língua materna, e em Português, a língua da sociedade em que esse aluno está inserido.

Recomenda-se que a educação dos surdos seja efetivada em língua de sinais, independentemente dos espaços em que o processo se desenvolva. Assim, paralelamente às disciplinas curriculares, faz-se necessário o ensino de língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais do surdo. Nesse processo, cabe ainda considerar que os surdos se inserem na cultura nacional, o que implica que o ensino da língua portuguesa deve contemplar temas que contribuam para a afirmação e ampliação das referências culturais que os identificam como cidadãos brasileiros (SALLES, FAUSTICH e CARVALHO, 2004, p. 47).

O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), ressalta que a língua portuguesa é a segunda língua do aluno surdo e que o ensino dessa modalidade

escrita, enquanto segunda língua, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

O letramento é, portanto, condição e ponto de partida na aquisição da língua oral pelo surdo, o que remete ao processo psicolinguístico da alfabetização e à explicitação e construção das referências culturais da comunidade letrada. Essa tarefa é, porém, menos árdua se a modalidade escrita da língua oral é adquirida como L2, sendo a língua de sinais adquirida como L1, cabendo desenvolver estratégias de ensino que levem em consideração a situação psicossocial do surdo, em particular sua condição multicultural (SALLES, FAUSTICH e CARVALHO, 2004, p. 77-78).

Cabe destacar a importância da LIBRAS para que o aluno surdo tenha acesso à cultura escolar, cultura essa baseada na modalidade escrita do Português. Ora, para que esse aluno se constitua como sujeito, de acordo com Vygotsky (1997) e Alves (2003), é necessário que ele tenha acesso à comunicação utilizada pela sociedade em que está inserido.

Diversas são as teorias que explicam como a criança aprende a escrever e vários são os métodos que podem ser utilizados. Nesta pesquisa, são utilizados apenas os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky para explicar a alfabetização do aluno surdo. Por essa razão, neste trabalho destacam-se as explicações dessa estudiosa da alfabetização e letramento, já que o foco não é apresentar o melhor método, e sim o que vem sendo abordado na literatura existente sobre a alfabetização dos alunos surdos. O aluno ouvinte, em processo de alfabetização, baseia-se no som das palavras para poder escrevê-las. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985), a criança passa por etapas durante o processo de aquisição da escrita, sendo caracterizados quatro grandes níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Já o aluno surdo não terá a palavra falada para se apoiar. De acordo com Salles, Faustich e Carvalho (2004), Pereira (2005), o aluno surdo também se desenvolverá nesses quatro grandes níveis, porém, ele se apoiará na linguagem de sinais.

Considerando-se que a língua de sinais preenche as mesmas funções que as línguas orais desempenham para os ouvintes, é ela que vai propiciar aos surdos a constituição de conhecimento de mundo e da língua que vai ser usada na escrita, tornando possível a eles entender o significado do que lêem, deixando de ser meros decodificadores da escrita (PEREIRA, 2005, p. 27).

De acordo com esses estudos, o Governo Federal sancionou a Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, em que é reconhecido o Estatuto da Língua Brasileira de Sinais como língua oficial da comunidade surda, “com implicação para sua divulgação e ensino,

para o acesso bilíngue à informação em ambientes institucionais e para a capacitação de profissionais que trabalham com os surdos” (SALLES, FAUSTICH e CARVALHO, 2004, p. 62). Além disso, é necessário que a escola compreenda que o aluno surdo tem um aprendizado diferenciado do aluno ouvinte:

[...] alfabetização de crianças surdas enquanto processo só faz sentido se acontece na Língua de Sinais Brasileira (LSB), a língua que deve ser usada na escola para aquisição da língua, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a língua (QUADROS, 2000, p. 55).

Logo, cabe à escola possibilitar o acesso a LIBRAS e a materiais didáticos que se utilizem da língua de sinais para que o aluno surdo também possa se desenvolver como o aluno ouvinte.

Por muito tempo, a escola ignorou as especificidades dos alunos surdos e insistiu em trabalhar com eles da mesma forma que com os ouvintes. [...] Embora a oralidade não seja condição indispensável para a leitura e a escrita, é esperado que a criança ouvinte se apoie em suas habilidades orais para construir suas hipóteses sobre a leitura e a escrita; a criança surda vai usar, na construção de suas hipóteses sobre a leitura e a escrita, suas habilidades visuais. A criança surda vê palavras no papel e constrói visualmente suas hipóteses sobre a escrita. Neste processo ela pode, assim como a criança ouvinte que soletra enquanto lê, fazer uso do alfabeto digital (PEREIRA, 2005, p. 23).

Em suma, é de extrema importância que os alunos surdos tenham acesso às histórias infantis em LIBRAS, sem deixar de lado a palavra escrita, para que o aluno se alfabetize em Língua Portuguesa também.

4. Metodologia

Para viabilizar o alcance do objetivo proposto neste trabalho – elaboração de recursos educacionais para alunos surdos em fase de alfabetização – foi considerado pertinente o desenvolvimento de um estudo descritivo, seguindo a metodologia de pesquisa qualitativa, para o levantamento na literatura sobre o que são recursos educacionais voltados para o ensino de LP para surdos e como podem ser utilizados em sala de aula, visando o letramento do aluno surdo.

A partir de Minayo (1993), a nossa pesquisa emprega o método qualitativo porque está centrada no universo dos significados, em que buscamos compreender e explicar

como os recursos didáticos podem ser utilizados nas aulas de língua portuguesa como segunda língua para surdos.

Apresentamos uma proposta de material e recursos didáticos para trabalhar a leitura o vocabulário, visando a alfabetização do aluno surdo, tomando como ponto de partida um vídeo em Libras, visto que as aulas de LP para surdos devem partir da Libras que é a sua língua natural.

Em seguida, realizamos um estudo descritivo (RICHARDSON, 1989), no qual descrevemos alguns dos tipos de recursos didáticos apresentados por de Quadros e Schmiedt (2006) no material “Ideias para ensinar português para surdos”, especificamente na parte que trata do ensino de leitura e vocabulário. Optamos por fazer um recorte deste material dada à sua extensão e dada à escolha que fizemos de apresentar uma proposta de material voltado para a leitura e vocabulário em LP.

5. Análise e discussões

Após o estudo na literatura sobre o processo de alfabetização de alunos surdos e a viabilidade, fizemos um recorte do material de Quadros e Schmiedt (2006) e apresentamos uma proposta de material, com os recursos didáticos sugeridos pelos autores. Escolhemos contação de histórias em LIBRAS para auxiliar na alfabetização e sugerimos a gravação de um vídeo de um conto “O boto cor-de-rosa”, em Libras e Português.

Inicialmente, o professor que adotar a nossa sugestão didática pode se cadastrar no site www.ahoradoconto.com.br e fazer a escolha de um conto. Em seguida, sugerimos que o professor assista o vídeo com os alunos. Após, pode fazer uma roda de conversa sobre o conto, com ajuda de uma intérprete. Em seguida, os alunos irão elaborar um resumo do conto; em outro momento, irão recriar o texto acrescentando ideias ou modificando seu final.

O vídeo pode ser gravado tendo a tradução da intérprete e a narração em separado. Durante as aulas, podem ser utilizados alguns recursos didáticos como: jogo de memória, baralho, jogo do mico, forca, bingo, jogos de corrida, quebra-cabeças.

Em relação ao material didático, Torres, Mazzoni e Mello (2007, p. 383) ressaltam que, “nos ambientes educacionais, mais especificamente, a escola, é onde o conhecimento é disseminado, podendo ser divulgado, por meio de diversos conteúdos, entre eles o recurso audiovisual”.

Então, a proposta didática que sugerimos pode ser desenvolvida dentro de uma perspectiva bilíngue por tudo o que já foi discutido, ou seja, trata-se do modo mais adequado, até o momento, para a alfabetização em Língua Portuguesa de alunos surdos.

Nessa perspectiva, é necessário que as metodologias presentes em sala de aula também se modifiquem. Essa revisão das questões metodológicas deve ser feita levando-se em consideração que o aluno surdo não aprende como o aluno ouvinte

Vale ressaltar que primeiramente os alunos surdos precisam tornar-se leitores na língua de sinais para se tornarem leitores na língua portuguesa. Assim, sugerimos como metodologia a ser utilizada em sala de aula para ensinar o alfabeto para alunos surdos:

- Ensinar as letras em LIBRAS e depois mostrar que tal letra tem as seguintes grafias.
- Sortear letras de um alfabeto móvel e pedir para que faça o gesto correspondente
- Fazer o gesto que corresponde a algumas letras e pedir para que pegue no alfabeto móvel.
- Fazer um “Bingo”, na cartela colocar letras, no “sorteio” mostrar com gestos.
- Lince de letras: Colocar as letras do alfabeto espalhadas em uma folha e solicitar que entre 5 palavras que você fará em LIBRAS. Depois mais cinco e assim por diante.
- Pegar imagens que representem as palavras escritas, embaralhar e pedir para que eles coloquem a imagem ao lado da escrita correta correspondente.
- Fazer uma cartela (pode ser a do bingo) com letras sortidas e pedir para que coloque as figuras dos gestos em cima delas.

Em seguida, sugerimos que o professor adote a metodologia abaixo para ensinar palavras em LP para o aluno surdo:

- Pedir para que a criança faça grupos de palavras em LIBRAS (frutas, animais, objetos, etc.) e você anota o nome delas e separa classificando, coloca dentro de um saquinho (cada tema dentro de um). Então embaralha, sorteia um (não mostra a escrita) e pede para que escreva (do seu jeito) o que acha que é. Então você corrige e mostra como se escreve corretamente.
- Com este mesmo saquinho você pode embaralhar e colocar de forma desordenada, você faz o sinal e pede que mostre de qual você está falando.
- Também pode pedir para que os alunos ordenem em ordem alfabética.

- Em seguida fazer uma espécie de charadinha (é vermelho com pintinhas, é doce e tem um cabinho verde) e ele precisa encontrar escrito “morango”.

- Perguntar qual é a letra que inicia e qual termina a palavra, quantas letras há em cada uma e a quantidade de sílabas.

- Fazer jogo da memória com as imagens e as cartelas escritas.

- Elaborar junto com a criança um baralho para brincar de jogo do mico: Primeiro peça para que recorte os sinais em LIBRAS, as imagens e a escrita, embaralhe tudo e peça para que monte corretamente a carta do mico, neste caso a carta deve ter a imagem, a escrita e o gesto. Após pronto deve convidar amigos para jogar (se não souber as regras, escreva nos comentários).

- Elaborar uma cruzadinha com imagens dos gestos em LIBRAS e preencher com lápis em língua portuguesa escrita.

Cada situação de aula pode exigir um material diferente e cada profissional pode explorar sua própria iniciativa, criatividade e habilidades para “inventar” o recurso adequado à sua realidade naquele determinado momento.

Abaixo, sugerimos que o professor adote os seguintes recursos para trabalhar o eixo leitura de forma visual, considerando a especificidade visual do aluno surdo para que ele possa compreender os significados das palavras em LP e não apenas codificá-las, como destaca Pereira, 2005.

a) Jogo de memória:

*Montar diferentes jogos de memória seja: sinal x gravura /alfabeto manual x palavra / gravura x palavra. *Utilizar vocabulário que esteja sendo trabalhado em aula (verbos, meios de transporte, países,...) para fixação, ou confeccioná-lo por classificação aleatoriamente (comidas, bebidas, vestuário, brinquedos, animais,...) para introdução de palavras novas; *Trazê-los pronto ou confeccioná-los com os alunos; *Aproveitando a brincadeira: durante a partida sempre que um par for encontrado o aluno, individualmente, ou o grupo terá que repetir a palavra em alfabeto manual. No final do jogo cada criança registra no caderno os seus pares para desenhá-los depois ou formar frases escritas; o professor aproveita as palavras para atividades posteriores;

b) Baralho

*Montar um baralho de letras (português ou alfabeto manual) ou de sílabas com os alunos. *Como jogar: metade das cartas são distribuídas e a outra metade fica no monte. A primeira carta do monte é virada e colocada na mesa. A criança, na sua vez, compra do monte ou da mesa, baixa as palavras que conseguir formar e descarta sempre uma carta no final da sua jogada. Vence o jogo aquele que terminar primeiro suas cartas ou quando acabarem as do monte. *Cada letra ou sílaba do baralho pode ter uma pontuação, assim os alunos poderão somar seus pontos conforme as palavras que conseguirem formar, porém só ganharão os pontos se souberem o sinal correspondente; *Aproveitando a brincadeira: no final de cada partida as palavras são registradas e no final da brincadeira pode ser montado um minidicionário com todo o vocabulário do jogo para ser aproveitado em outras atividades de português.

c) Jogo do Mico: *Usar a ideia do jogo do mico e criar, junto com os alunos, um baralho sinal-palavra-figura para jogar em sala. *Aproveitando a brincadeira: ao terminar o jogo cada criança deve fazer para os colegas, em alfabeto manual, todas as palavras dos seus pares, de preferência sem apoio visual, e registrá-las no caderno;

d) Forca: *A brincadeira pode ser feita no quadro, em folhas, no caderno. *As letras vão sendo sugeridas em alfabeto manual e escritas em português até completar a palavra. *Aproveitando a brincadeira: pode ser feita em grupo aonde o professor vai incluindo palavras novas para os alunos; pode ser feita em duplas onde os alunos tenham que escolher palavras que já conhecem; pode ser feita como competição entre equipes onde os alunos são estimulados a pensar em palavras mais difíceis ou maiores; em todas as formas as palavras devem ser listadas e aproveitadas em outras atividades de português.

e) Bingo: *Montar diferentes jogos de bingo:

- cartões com palavras e cartelas com sinais;
- cartões com sinais e cartelas com palavras;
- cartões com alfabeto manual e cartelas com letras ou palavras;
- cartões com configuração de mão e cartelas com figura e palavra;
- cartões com palavras e cartelas com figuras;

*Utilizar o vocabulário dos conteúdos de aula para fixação; *Aproveitando a brincadeira: no fim de cada rodada todos terão que copiar as palavras marcadas na sua cartela.

Formarão frases ou pequenos textos em português com as palavras registradas.

f) Jogo de Corrida: *Criar jogos de corrida de tabuleiro, com dados, onde para avançar o aluno tenha que dar respostas em português através do alfabeto manual; *Podem ser confeccionados em cima de conteúdos que estejam sendo trabalhados, por exemplo: materiais de higiene, materiais de sala de aula, alimentos, animais, países, ... Aproveitando a brincadeira: montar um mural com fichas das palavras que apareceram no jogo. Montar textos registrando a atividade.

g) Quebra-cabeças: *Confeccionar quebra-cabeças ou aproveitar jogos já existentes; *Os quebra-cabeças podem ser montados individualmente, em duplas ou em pequenos grupos, pela turma em conjunto, ou ainda como competição entre equipes; *Aproveitando a brincadeira: após ser montado o quebra-cabeça pode ser bem explorado quanto aos elementos que aparecem nele (substantivos, verbos, adjetivos,...), primeiro através de conversação em língua de sinais e depois através de registro em Língua Portuguesa. Podem ser feitas listagens em grupo ou separadamente verificando depois quem conseguiu levantar mais palavras em português. Criar uma história em língua de sinais sobre o quadro montado e depois transcrevê-la para o português.

h) Baralho de Configuração de Mãos: *Consiste em se ter um baralho com as configurações de mãos mais utilizadas na língua de sinais e usá-lo como base para explorar palavras em português. *As cartas são embaralhadas e uma delas é escolhida e apresentada para o grupo; cada criança tem que lembrar um sinal com a configuração de mão contida nesta carta, apresentá-lo e o professor escreve a palavra correspondente no quadro. *Aproveitando a brincadeira: uma maneira de trabalhar com a fixação deste vocabulário é variar a atividade pedindo que a criança faça em alfabeto manual todas as palavras anteriores e só depois apresente a sua. Pode-se utilizar as palavras aprendidas para produção textual. Pode-se criar e registrar em conjunto frases ou histórias em que apareçam somente, ou predominantemente, a configuração de mão escolhida no baralho. Exemplo: cf : “P” : “O professor dela convidou umas pessoas para comer pizza.” “Um político que visitou o Paraguai falou com o presidente e pediu paz para o povo”.

Nesses recursos didáticos, vemos que o professor pode ter uma variedade de instrumentos e ferramentas para trabalhar a LP escrita como segunda língua para surdos. Desta forma, o professor poderá lidar com a realidade do aluno surdo de forma dinâmica, criativa e contextualizada a partir dos conhecimentos que ele já tem em Libras a fim de estimular a aquisição dos conhecimentos em LP escrita, como destacam Quadros e Schmiedt, 2004.

5. Considerações Finais:

As atividades sugeridas aos professores objetivam chegar na leitura e escritura da língua portuguesa como segunda língua. Assim, as atividades sempre são antecedidas pela leitura de textos em sinais. A leitura precisa estar contextualizada. Os alunos que estão se alfabetizando em uma segunda língua precisam ter condições de “compreender” o texto. Isso significa que o professor vai precisar dar instrumentos para o seu aluno chegar à compreensão. Provocar nos alunos o interesse pelo tema da leitura por meio de uma discussão prévia do assunto, ou de um estímulo visual sobre o mesmo, ou por meio de uma brincadeira ou atividade que os conduza ao tema pode facilitar a compreensão do texto.

São vários os recursos didáticos que podem ser utilizados na educação de surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do professor. Muitos recursos surgem no dia-a-dia, quando o professor se vê diante de uma situação em que se faz necessário algum apoio material para que consiga alcançar, de forma eficaz, a compreensão da criança, ou para que a mesma consiga acessar o conhecimento de forma plena. Muitos destes recursos não estão prontos para serem adquiridos, precisam ser confeccionados, precisam ser criados. É bastante comum encontrar professores da área angustiados com esta “falta de material” e, justamente por isso, é tão importante a troca de ideias entre os profissionais, o registro e a divulgação destes recursos, seja em encontros pedagógicos, seja via internet ou através de manuais ou livros.

Referências

ALVES, C. N. Recursos humanos. In: ALVES, C. N. Educação inclusiva no Brasil. Portugal: Banco Mundial, 2003, p.1-22.

BRASIL. Presidência de República, Subchefia para assuntos jurídicos. Decreto nº 5. 626. Brasília, DF: Ministério Público, 2005.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. A psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PEREIRA, M. C. da C. Leitura, escrita e surdez. Secretaria de Educação CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2005.

MINAYO, M.C.S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. 1993.

QUADROS, R. M. de. Alfabetização e o ensino de línguas de sinais. Canoas, Textura, n. 3, p. 53-62, 2000.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RICHARDSON, Roberto J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília, DF: MEC; SEESP, 2004.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel e MELLO, Anahí Guedes. Nem toda pessoa cega lê em Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. São Paulo: Educação e Pesquisa, Ago 2007, v. 33, n. 2, p. 369-386.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectología. Obras completas. Tomo cinco. Cuba: Editorial Pueblo y Educación, 1997.



**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba Universidade Aberta do Brasil
Coordenação do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa
como 2ª Língua para Surdos**

ATA DE DEFESA

Aos catorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte, às dezesseis horas, reuniu-se, em sala virtual, conforme orientação da Nota Técnica de número cinco, de dezessete de junho de dois mil e vinte, da Pró-Reitoria de Ensino do IFPB, a banca examinadora composta pelos professores Ma. Nídia Nunes Máximo, Ma. Camila Michelyne Muniz da Silva e Dr. José Moacir Soares da Costa Filho e para examinar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**RECURSOS EDUCACIONAIS PARA ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA MODALIDADE ESCRITA PARA SURDOS NO EIXO LEITURA**” de autoria **RERILENE FERREIRA DE LIMA**, aluna do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos, no polo João Pessoa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB/ UAB. A professora Nídia Nunes Máximo, presidente da banca, iniciou a sessão acadêmica concedendo a palavra à aluna para uma breve apresentação do trabalho. Em seguida, procedeu-se à arguição, ao fim da qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela **aprovação** do trabalho, ao qual foi atribuída a nota 85. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Nídia Nunes Máximo
Coord. de Letras LIBRAS
Departamento de Letras
SIAPE: 2143407

Profa. Ma. Nídia Nunes Máximo(Orientadora)

Camila Michelyne M. da Silva

Profa. Ma. Camila Michelyne Muniz daSilva(Examinadora)

José Moacir Sores da Costa Filho

Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho(Examinador)

João Pessoa, 14 de dezembro de 2020.